

11 MAR 2004

# “Nem jardim botânico, nem deserto vermelho”

Vinícius Carvalho

Com 1,64 metro de altura, e estatura política muito maior, o senador Jefferson Peres (PDT-AM), de 69 anos, enche a voz quando o assunto é sua terra natal. O senador, que fez da causa amazônica um projeto de vida, destila o verbo contra a “paranóia” da tese de internacionalização da Amazônia, e chama a atenção para a verdadeira ameaça que toma conta da região: a pobreza das populações locais, e o risco de sua cooptação pelas guerrilhas, narcotráfico e madeireiros. “É preciso mudar a visão espacial para a visão humana. O que nós temos que desenvolver são 1,5 milhão de pessoas e não 1,5 milhão de km<sup>2</sup>”, defende. Crítico severo da ausência de um projeto nacional para a região, o senador passeia pela conformação política da Amazônia, desenha saídas alternativas, critica o Greenpeace e propõe a inserção do tema amazônico na agenda do presidente Lula. Qual o caminho? O senador responde: “A Amazônia é uma questão de visão histórica e de bom senso. E o que diz o bom senso? Nem jardim botânico, nem deserto vermelho”.



PERES: “A Amazônia é uma questão de bom senso”

JB Ecológico - O senhor critica a tese de internacionalização da Amazônia, alegando que ela seria uma cortina de fumaça para encobrir os verdadeiros problemas da região. De onde, então, vem esse discurso? JEFFERSON PERES - Existem interesses daqueles que querem praticar uma exploração predatória da região, sobretudo madeireiros e agricultores, e por isso

fomentam esse discurso. E existem visões equivocadas, pessoas que acreditam sinceramente que por detrás das campanhas de defesa do meio ambiente da Amazônia esteja uma conspiração de forças estrangeiras, empresas multinacionais e governos com vistas a se apossarem de alguma forma da Amazônia. É uma argumentação, a meu ver, falida e desprovida de lógica.

“Pensar que os EUA estão de olho no nióbio da Amazônia é uma bobagem. Eles não precisam brigar por isso para ser prósperos. Eles já passaram dessa fase”

Não há como se internacionalizar a Amazônia, até porque não existe essa figura na carta das Nações Unidas. Então não seria internacionalização, seria uma anexação. E me parece que só a paranóia pode fazer alguém acreditar que uma potência como os EUA iriam invadir o Brasil e tomar a Amazônia.

JB Ecológico - Mas quando o ministro José Dirceu declara, como fez no mês passado, a importância de se remeter tropas para as fronteiras amazônicas valendo-se do princípio da soberania nacional, ele não corre então o risco desse mesmo discurso?

Jefferson Peres - Me espanta que uma pessoa lúcida como o ministro Jose Dirceu tenha cometido esse desliz. A presença das Forças Armadas na Amazônia deve ser ampliada por causa do arco de fronteiras sensível da região, não por conta da soberania nacional, mas pelo perigo enorme da instabilidade política da região para os interesses das populações amazônicas, que ficam expostas a ação da guerrilha e dos narcotraficantes.

JB Ecológico - Um dos principais argumentos empregados pelos defensores da tese da internacionalização é o da escassez da água. O Brasil, como maior detentor mundial de recursos hídricos, tem que se preocupar?

Jefferson Peres - Também é delirante imaginar que amanhã haverá uma grande escassez de recursos hídricos e que virão aqui nos obrigar a fornecer água para o resto do mundo. Por que é delirante? Não são os países ricos que sofrem escassez de água, são os pobres, principalmente da Ásia e da África. Os EUA e a Europa são bem servidos, tanto de rios como de regimes pluviais. Subestima-se, a meu ver, o poder da tecnologia. As técnicas poupadoras de consumo avançam. Os grandes consumidores são a agricultura e a indústria, e eles já estão reciclando água e isso tende a se alastrar. Isso ocorre principalmente nos países ricos, com tendência de redução do consumo, até porque nesses países, que seriam a ameaça à Amazônia, a popu-



“A AMAZÔNIA CARECE de um projeto nacional”

lação está até diminuindo. Não acreditar nisso, e imaginar que daqui a 30 anos os rios estarão cada vez mais poluídos e secos, o consumo só aumentando, e o mundo correndo para nos tomar a Amazônia a fim de levar em grandes navios-tanque nossa água para o resto do mundo é, repito, delirante.

JB Ecológico - E quanto aos demais recursos naturais?

Jefferson Peres - Os países ricos não brigam mais por matérias primas. O contex-

to é outro. Eles já estão na idade pós-industrial. Foi-se o tempo em que a United States Steel vinha para a Amazônia atrás de minas de manganês. A IBM deixou de ser fabricante de máquinas, para prestar apenas serviços, e hoje tudo é terceirizado. Precisamos entender que a empresa mais lucrativa dos EUA é a Microsoft, e não mais a United States Steel. Pensar que os EUA estão de olho no nióbio da Amazônia é uma bobagem. Eles não precisam brigar por isso para ser prósperos. Eles já passaram dessa fase.



“O Brasil será fracassado daqui a 20 ou 30 anos se não tiver um projeto a sério”

JB Ecológico - O senhor costuma dizer que para entender a realidade da região é preciso, antes de mais nada, superar mitos como esse. Qual é, então, a realidade da nossa Amazônia?

Jefferson Peres - Em primeiro lugar, várias Amazonas. O que está faltando ao Brasil é um projeto nacional para a região. O Brasil ainda não decidiu o que pretende fazer. Que modelo de desenvolvimento nós queremos? Sabemos que não pode ser um modelo convencional. A Amazônia não pode se desenvolver como São Paulo, abrindo estradas, aquedutos e substituindo florestas por campos de pastagem e de cultivo. É uma loucura, em termos ecológicos e econômicos, por conta da biodiversidade que está ali hoje, sem grande valor econômico, mas que amanhã certamente vai render muito para o Brasil. Isso exige uma ação articulada entre os ministérios que não existe hoje, tendo como centro o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o zoneamento econômico e ecológico. Mapear a Amazônia é saber qual a vocação de cada região e como as áreas devem ser efetivamente delimitadas e protegidas. E a criação de um fundo de desenvolvimento social ambiental também é absolutamente imprescindível, mas um fundo que não seja contingenciado, sujeito a chuvas e trovoadas, como observamos no passado.

JB Ecológico - Isso resolve o discurso de internacionalização?

“As pessoas pensam que o problema da Amazônia é impossível de ser vencido porque olham para a sua extensão”

Jefferson Peres - Se o Brasil estiver cuidando bem da Amazônia, não estiver desmatando, não estiver matando seus índios e dando boa qualidade de vida a sua população, por que alguém viria nos tomar a Amazônia?

JB Ecológico - O senhor propôs, por meio de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), a criação de um fundo destinado ao desenvolvimento do interior dos quatro estados da Amazônia Ocidental - Amazonas, Roraima, Acre e Rondônia. Por que excluir as capitais?

Jefferson Peres - Porque a população do interior é exatamente a mais desassistida e mais exposta tanto ao narcotráfico como à exposição dos predadores da floresta. A destinação do recurso de fundo deve ir principalmente para programas sociais, e não econômicos, de modo a transformar a população local na verdadeira defensora da Amazônia. Hoje vivem apenas 1,5 milhão de pessoas no interior do estado do

Amazonas, menos do que Brasília. As pessoas pensam que o problema da Amazônia é impossível de ser vencido porque olham para a extensão da Amazônia, e costumam dizer que ela tem mais de 1,5 milhão de km<sup>2</sup>. Não se faz desenvolvimento para ocupar espaços e o problema não é o vazio demográfico. O que nós temos que desenvolver são 1,5 milhão de pessoas e não 1,5 milhão de km<sup>2</sup>.

JB Ecológico - O senhor fala de uma nova mudança de perspectiva?

Jefferson Peres - É preciso mudar a visão espacial para a visão humana. Do ponto de vista utilitário, estaríamos transformando essas pessoas em guardas florestais espontâneos, sem remuneração, conscientizados, integrados à sociedade. Seriam os guardiões da Amazônia a custo zero. A minha visão de desenvolvimento para a Amazônia é essa.

JB Ecológico - E porque essa ideia não sai então do papel?

Jefferson Peres - É um espanto isso, e eu realmente não entendo.

JB Ecológico - A morosidade do governo em conduzir questões como essa foi um dos argumentos do deputado Fernando Gabeira para deixar o PT, alegando que o Estado não seria mais um instrumento privilegiado de transformação social. O senhor tem essa mesma impressão?

Jefferson Peres - Realmente chegará um momento em que a sociedade será maior do

que o Estado, como já acontece nos EUA. Mas como órgão promotor da correção das desigualdades regionais, o papel do Estado é vital ainda hoje. Eu não posso imaginar que o Brasil e a Amazônia reduzam as disparidades regionais pela ação espontânea das forças de mercado. Nisso, a ação do Estado na canalização de recursos e como órgão de planejamento ainda é indispensável.

JB Ecológico - O general Cláudio Barbosa de Figueiredo, chefe do Comando Militar da Amazônia, criticou no mês passado a atuação de ONGs na Amazônia, alegando que boa parte delas estaria contrabandando nossa biodiversidade. Como o senhor avalia isso?

Jefferson Peres - Não se pode generalizar. Existem ONGs sérias, ONGs de picaretagem e outras a serviço sabe-se lá de que. É preciso primeiro fazer um estudo caso a caso. Em qualquer suspeita da atuação ilegal de determinada ONG, nacional ou estrangeira, devemos investigar e negar-lhes apoio se for o caso. Mas as ONGs sérias são sim um instrumento da sociedade civil importante para o desenvolvimento da região.

JB Ecológico - No mês passado, a rodovia Transamazônica foi bloqueada por madeireiros do sudoeste do Pará num protesto contra a fiscalização do Ibama e a presença do Greenpeace, atravessando caminhões na pista e se valendo de um tipo de abordagem parecida com a da ONG. O que podemos tirar desse caso novo?

Jefferson Peres - Na medida que uma ONG como o Greenpeace adota métodos ilegais, tenta, por exemplo, apreender um barco, invadir uma propriedade, mesmo que tenha bons propósitos, ela está usando métodos ilegais e deve sofrer as penas da lei. Deveria ser processada, mesmo que nós corrésemos o risco disso repercutir lá fora, como se o governo brasileiro estivesse defendendo os predadores contra os ambientalistas. As leis do país devem ser aplicadas e não acho que as autoridades devam ficar de braços cruzados contra ações ilícitas de qualquer ONG.

JB Ecológico - Acha então que falta regulamentar a relação entre o Estado e o Terceiro Setor?

Jefferson Peres - Não sei se será por falta de regulamentação legal, até porque o Brasil tem talvez as melhores leis ambientais do mundo. O que falta, repito, é um projeto nacional para a Amazônia, que definiria inclusive isso: qual seria o papel do terceiro setor nesse processo de desenvolvimento.



WILSON CRUZ/ABR

“O presidente Lula faria um sucesso internacional muito maior se levasse a Amazônia como grife e bandeira do seu governo”

JB Ecológico - A ministra Marina Silva é conhecida, entre outras coisas, por seu papel ativo nos movimentos ambientalistas da região. Acredita que ela irá conseguir emplacar uma política de desenvolvimento sustentável consistente para a Amazônia?

Jefferson Peres - O Ministério do Meio Ambiente não é sozinho. Ele deve servir de maestro e ser o órgão ouvido e consultado obrigatoriamente em todos os projetos para a Amazônia. Agora, ele não precisa ser executor do projeto. A Agência de Desenvolvimento da Amazônia (ADA) poderia estar fazendo isso, mas ela está esvaziada. Como disse, ainda falta um projeto nacional.

JB Ecológico - E como o Exército pode entrar nesse projeto?

Jefferson Peres - As Forças Armadas estão deslocando contingentes de outras regiões do País para lá e isso é muito bom. Eu particularmente preconizo uma ação das Forças Armadas em toda a região amazônica e não apenas nas fronteiras. Eu acho que elas deveriam constituir-se em prestadoras de serviço para toda a população, agentes comunitários de cidadania. Usar as Forças Armadas em todas as ações sociais, para se disseminar a prestação de serviço, me deixaria muito mais tranqüilo, até porque a ação via Forças Armadas evitaria o eleitoralismo, o clientelismo político e a corrupção.

JB Ecológico - E por que isso não acontece? Jefferson Peres - Eu há cinco ou seis anos procurei o comandante do Exército e perguntei se ele via algum inconveniente em dar outro papel para as Forças Armadas na Amazônia. E ele me disse que não via nenhum problema, e que o problema era só de recurso. Novamente, eu creio que falta uma decisão política do governo.

JB Ecológico - E o que o senhor diria ao presidente Lula se pudesse discutir com ele hoje a questão amazônica?

Jefferson Peres - O Brasil terá fracassado como nação daqui a 20 ou 30 anos se não tiver erradicado a miséria e promovido um desenvolvimento adequado da Amazônia. Terá fracassado porque terá destruído um patrimônio enorme e que responde por mais da metade do seu território. O presidente Lula, que parece tão empolgado com seu sucesso internacional, faria um sucesso muito maior se levasse como grife e como bandeira a Amazônia, se chegasse lá fora para dizer: “O meu governo foi o grande promotor do desenvolvimento sustentável da Amazônia. A região está preservada e o Brasil venceu essa batalha”. Que grande discurso ele faria. E a Amazônia é uma questão de visão histórica e de bom senso. E o que diz o bom senso? Nem jardim botânico, nem deserto vermelho. ■